

ENCOURAÇADO *TAMANDARÉ*: O PRIMEIRO NAVIO- VARREDOR DA MARINHA DO BRASIL

ALVANIR B. DE CARVALHO*
Professor

SUMÁRIO

Minas flutuantes
Aproveitando a correnteza dos rios
Consultores externos
Atuação de Hamilton Tomb
Contramedidas adotadas
Encouraçado *Tamandaré*, um navio-varredor?
Acidente com o *Rio de Janeiro*

As guerras não se resumem aos combates corpo a corpo ocorridos nos campos de batalha, os canhões troando e vomitando sua carga letal, as cornetas tocando, os soldados com suas bandeiras desfraldadas, marchando de encontro à muralha de baionetas das tropas inimigas, tal e qual nos é dado ver no cinema, pois que este é o aspecto visível da coisa.

Não é só isso, conforme será explicitado no presente artigo.

Sem querer me referir ao tema da espionagem, evidentemente que mantido em sigilo pelas partes envolvidas, ousou dizer que as guerras também têm um outro lado tão discreto e pouco visível quanto a espionagem. Refiro-me aos inventores de novas armas, cada vez mais sofisticadas, e das

* Professor de economia; modelista naval; colaborador da RMB.

contramedidas empregadas pelos adversários na tentativa de neutralizar os danosos efeitos de cada nova invenção.

No presente artigo, nos limitaremos a citar apenas um exemplo marcante, relacionado com a Guerra do Paraguai, qual seja o da produção de minas flutuantes que eram lançadas contra os navios da Esquadra Imperial.

MINAS FLUTUANTES

A história mostra que sempre que um país mais fraco é atacado por uma força naval poderosa, contra a qual não pode oferecer resistência direta, por carecer dos meios navais adequados, a nação atacada costuma recorrer a procedimentos de natureza puramente defensivos, a exemplo do emprego de minas flutuantes.

Foi isso o que fizeram os russos, no decorrer da Guerra da Crimeia (1854), assim como também o fizeram os rebeldes sulistas, no decorrer da Guerra Civil norte-americana (1861), e também os paraguaios, após a destruição de sua esquadra, no decorrer da Batalha Naval do Riachuelo (1866).

Atacados pela maior força naval do seu tempo, representada pela combinação das Marinhas de guerra da França e da Inglaterra, pela primeira vez na história lutando lado a lado como aliados, os defensores da península russa da Crimeia idealizaram construir e lançar, rio abaixo, em direção à baía em frente a Sebastopol, onde se concentravam os navios das esquadras atacantes, uma série de minas flutuantes, que naquela época eram denominadas “torpedos”, tendo por objetivo atingir e destruir os navios da esquadra combinada, inimiga.

Comentaristas especializados no assunto afirmam que as minas flutuantes russas atingiram e danificaram inúmeros navios, mas que não tiveram maior sucesso devido à pouca carga de pólvora que conduziam.

APROVEITANDO A CORRENTEZA DOS RIOS

Os rios correm para o mar. Daí que qualquer objeto flutuante deixado livre, à mercê da correnteza de um rio, será inexoravelmente empurrado águas abaixo. No Paraguai, quando não se encontravam em movimento, os navios da Esquadra brasileira se encontravam fundeados a jusante do Rio Paraguai. Por conseguinte, nossos navios se tornavam alvos naturais de minas flutuantes que, libertadas no curso superior daquele rio, eram levadas pela correnteza em direção aos seus cascos.

Quando estourou a Guerra de Secessão americana, o lado que possuía uma Marinha de guerra organizada era dos nortistas (apelidados de *yankees*), que disso se aproveitaram para impor um bloqueio aos principais portos rebeldes. Não dispondo de navios de guerra em quantidade suficiente para fazer frente aos vasos de guerra nortistas, os sulistas decidiram apelar para o emprego de minas flutuantes, do mesmo modo que haviam feito os russos na Crimeia, sete anos antes, um assunto amplamente divulgado e comentado pela imprensa que havia dado cobertura àquela guerra.

Na Guerra do Paraguai, foi praticamente a mesma coisa. Após a derrota da Esquadra paraguaia na Batalha Naval do Riachuelo, o Marechal Solano López resolveu partir para a guerra de minas.

CONSULTORES EXTERNOS

Para um melhor entendimento deste assunto, convém dizer que o Marechal Solano López não era um tolo. Por isso, ao se preparar para a guerra, coisa que vinha fazendo em segredo, tratou de contratar vários consultores estrangeiros, dentre os quais citaria o engenheiro naval e projetista inglês

William Keld Whytehead, que passou a ocupar o posto de diretor do Astillero San Geronimo, situado em Assunção, o famoso Coronel Thompson, um mercenário inglês que, posteriormente, escreveu um livro muito comentado, descrevendo a Guerra do Paraguai segundo a observou, e o ex-tenente do Exército norte-americano (nortista) Thomas H. Bell, que se encarregou da fabricação das minas flutuantes.

É curioso observar que o Tenente Thomas Bell tinha sido oficial do Exército nortista que combateu os rebeldes sulistas do seu país de origem.

Do lado brasileiro, quem nos ajudou a enfrentar a ameaça das minas foi o Tenente James Hamilton Tomb, ex-oficial do Exército Confederado (sulista).

Era, por conseguinte, uma situação assaz curiosa: um ex-oficial nortista, cuja Armada nacional havia sofrido os devastadores efeitos das minas sulistas – cerca de 40 navios *yankees* foram afundados ou seriamente danificados –, agora fabricava minas flutuantes, que eram lançadas contra os navios da Esquadra Imperial brasileira, em cuja defesa passou a trabalhar um ex-oficial da Marinha Confederada, agora encarregado de idealizar meios que nos protegessem do perigo das minas paraguaias.

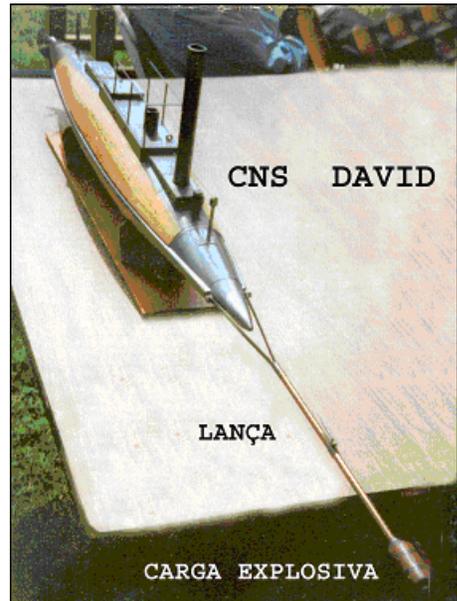
ATUAÇÃO DE HAMILTON TOMB

James Hamilton Tomb foi um dos engenheiros que ajudaram a transformar em realidade a ideia de construir um barco-torpedeiro, o CNS *David*, o qual, em outubro de 1864, explodiu um torpedo (como era então denominado qualquer invólucro contendo uma carga de pólvora) de encontro ao casco da fragata americana *New Ironsides*, que tomava parte do bloqueio do porto de Charleston, na Carolina do Norte.

O ataque à Fragata *New Ironsides* – então considerada um dos navios mais poder-

ros do seu tempo – foi como que uma reedição da luta, narrada na Bíblia, do pequeno David – aqui representado pelo minúsculo e esguio CNS *David* – contra o novo Golias, representado pela fragata *yankee*. A explosão provocou um impacto tão violento que abriu um rombo no casco da fragata, que adernou e afundou.

O pequeno *David* não passava de uma canoa comprida que navegava quase submersa – um precursor do moderno submarino – em cuja proa foi instalada uma lança de grande comprimento, na ponta da qual havia uma potente carga de pólvora, então denominada torpedo.



Mal terminou a Guerra Civil norte-americana (1865), teve início a Guerra do Paraguai. Desempregado, e praticamente sem um país para morar – pois que os estados sulinos foram ocupados pelas tropas do Norte durante uma vintena de anos –, Hamilton Tomb decidiu oferecer os seus serviços especializados à Argentina. Para tanto, deslocou-se até Nova York, onde teve uma entrevista com o ministro pleni-

potenciário argentino nos EUA, nada menos do que o General Domingos Faustino Sarmiento, que alguns anos depois iria se tornar presidente da República Argentina.

Impressionado com o americano, o General Sarmiento forneceu ao ex-oficial rebelde uma carta de apresentação, dirigida ao Presidente Bartolomé Mitre, pelo que o americano se deslocou para Buenos Aires.

Nesse meio tempo, enquanto aguardava a oportunidade para um contato com o Presidente Mitre, Hamilton Tomb procurou se inteirar da situação. Foi então que percebeu que a Marinha argentina era bastante diminuta e que um cliente de maior potencialidade seria a Marinha do Império do Brasil, que naquela guerra concentrava em Buenos Aires seus depósitos de suprimento, assim como realizava, no seu porto, a manutenção e reparo dos navios de sua esquadra.

Aproveitando o ensejo de uma das frequentes visitas que o Almirante Tamandaré realizava a Buenos Aires, Hamilton Tomb estabeleceu contato com o referido almirante, o qual, por sua vez, conseguiu que o americano fosse recebido o quanto antes pelo Imperador Dom Pedro II no Rio de Janeiro. Dom Pedro II era, ele próprio, um dedicado cientista, pelo que o relacionamento entre os dois homens foi sempre cordial.

Por aquele tempo, as minas flutuantes paraguaias já se faziam notar. Fabricadas em Assunção, por uma equipe chefiada pelo ex-Tenente Thomas Bell, sua produção era constante, se bem que, para nossa sorte, a capacidade de produção daqueles artefatos era bastante limitada. Do contrário, teria sido um desastre para a nossa esquadra. Basta que se tenha em mente o fato de que, no Rio Paraguai, o espaço no qual estava concentrada a esquadra brasileira era bem menor do que aquele da Baía de Chesapeake, na América do Norte, onde vários navios *yankees* foram afundados.

Sendo assim, as chances de uma mina se chocar de encontro ao casco de um dos nossos navios era bem maior.

CONTRAMEDIDAS ADOTADAS

Havia muito pouca coisa a fazer contra a ameaça das minas flutuantes. Por sugestão de Hamilton Tomb, os navios brasileiros passaram a dispor de uma rede de proteção externa do mesmo tipo das que, na Primeira Guerra Mundial, eram utilizadas para proteger o casco dos grandes encouraçados contra a ameaça dos novos tipos de torpedos.

A segunda medida consistiu em estabelecer um patrulhamento contínuo, por meio de botes tripulados, nas áreas adiante do local onde estivessem ancorados os nossos navios, cujos tripulantes tinham por obrigação localizar e possivelmente desarmar as minas que, quase todas as noites, os paraguaios lançavam contra nós.

Por oportuno, é importante lembrar que a manutenção de um serviço noturno de botes de vigilância contra o perigo das minas flutuantes teve um benefício indireto, qual seja o encontro inesperado do primeiro grupo de canoas paraguaias, cheias de tropas, que se preparava para abordar de surpresa alguns dos nossos navios encouraçados, todos eles de bordo livre quase rente ao nível da água do rio.

Os brados de alerta do pessoal de um desses botes foi decisivo para que os marinheiros dos navios em vias de serem atacados improvisassem uma defesa que resultou na expulsão da tropa de assalto paraguaia. Ainda assim, as casualidades foram enormes, donde se conclui que, não fosse pelo alerta do pessoal do bote-patrulha, os paraguaios poderiam ter se apossado de um ou mais de um dos nossos encouraçados, conforme o plano estabelecido.



Alvanir Carvalho segurando um modelo do Encouraçado *Tamandaré* Museu Naval, Rio, 10 de março de 2004

ENCOURAÇADO TAMANDARÉ, UM NAVIO-VARREDOR?

Hamilton Tomb era uma pessoa destemida e cheia de iniciativas. Destacado para servir a bordo do Encouraçado *Tamandaré*, convenceu o comandante daquele navio a instalar uma rede de proteção ao redor do seu casco. Feito isso, também convenceu o comandante do *Tamandaré* a utilizar aquele navio como “varredor de minas”, na área conhecida por Passo da Pátria, na confluência dos rios Paraná e Paraguai.

Desse modo, o Encouraçado *Tamandaré* foi o primeiro navio-varredor da esquadra brasileira de que se tem notícia.

Transferido para o Vapor *Apa*, Hamilton Tomb convenceu o seu comandante a utilizar aquele navio na exploração de um canal navegável no Rio Curuzu, situado nas proximidades da fortaleza de Curupaiti, um dos objetivos da esquadra brasileira.

Utilizando uma fateixa – isto é, uma pequena âncora dotada de inúmeras garras –, o *Apa* navegou pelo canal, ao mesmo tempo em que uma equipe comandada por Hamilton Tomb “pescava” as minas porventura localizadas, que eram então neutralizadas.

Só não foram removidas três minas de fundeio, por se encontrarem muito próximas da margem do rio, de onde uma pequena bateria de canhões os hostilizava. Navio desarmado, o comandante do *Apa* nada poderia fazer contra aquela bateria de canhões.

Concluída a operação de varredura do Canal do Curuzu, o *Apa* retornou ao local onde se encontravam os demais navios da esquadra brasileira, oportunidade em que Hamilton Tomb informou a situação, inclusive alertando os comandantes dos navios brasileiros sobre as três minas de fundeio, não desarmadas.



Aquarela da época, representando o afundamento do *Rio de Janeiro*

ACIDENTE COM O RIO DE JANEIRO

Tendo por finalidade mostrar o real perigo das minas flutuantes paraguaias, basta dizer que, no dia 2 de dezembro do ano em que foi lançado ao mar, o Encouraçado *Rio de Janeiro* chocou-se contra uma mina de fundeio que lhe abriu um rombo no casco, que foi

rapidamente para o fundo, levando presa, no seu bojo, uma boa parte da tripulação, incluindo-se aí o Comandante Silvado.

O afundamento do Rio de Janeiro constituiu o evento de maior importância da guerra de minas no Rio Paraguai.

📁 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<FORÇAS ARMADAS>; Encouraçado; Guerra do Paraguai; Navio de guerra de minas; Tomb, James; Bell, Thomas;

REFERÊNCIAS

Revista Marítima Brasileira “Experiências do Cap. Tomb na Marinha brasileira”, 1^o trim./1964 - p. 39-54.